

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

FERNANDA BATISTA DA SILVA

**POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE RELAÇÕES DE GÊNERO ATRAVÉS
DE BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARINGÁ
2022

»

FERNANDA BATISTA DA SILVA

**POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE RELAÇÕES DE GÊNERO ATRAVÉS
DE BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado no curso de Pedagogia, como
requisito parcial para cumprimento das
atividades exigidas pela Universidade Estadual
de Maringá.

Orientador(a): Prof^(a). Dr(a). Eloiza Elena da
Silva Martinucci.

MARINGÁ
2022

1 **Possibilidades para o ensino de relações de gênero através de brincadeiras na**
2 **educação infantil***

3 **Fernanda Batista da Silva¹ e Eloiza Elena da Silva Martinucci²**

4 ¹ Graduanda do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-
5 mail: ra110765@uem.br. ² Professora Doutora do Departamento de Teoria e Prática da
6 Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR, Brasil. E-mail:
7 eesmartinucci@uem.br

8 **Resumo.** Considerando que gênero e sexualidade representam categorias construídas
9 através de inúmeras aprendizagens e práticas, vivenciadas em múltiplas instâncias
10 sociais e culturais, entre as quais a educação escolar, o presente artigo sintetiza estudos
11 sobre relações de gênero na educação infantil, visando compreender a possibilidade do
12 ensino e o desenvolvimento das práticas sociais das crianças na atividade de brincar.
13 Nosso objetivo é analisar e afirmar a necessidade e a importância de se trabalhar às
14 diversas relações de gênero desde os primeiros anos escolares, fazendo com que a
15 criança desenvolva e se aproprie de conhecimentos e práticas que ampliem sua
16 capacidade de convivência com o outro e respeito às diferenças, numa perspectiva
17 inclusiva e plural. Assim, investigar as possíveis formas de trabalhar as relações de
18 gênero na Educação Infantil e quais efeitos teria na aprendizagem e no conhecimento
19 dos alunos, são os principais objetivos desta pesquisa.

20 **Palavras-chave:** Relações de gênero; educação infantil; brincadeiras.

21 **Possibilities for teaching gender relations through play in child education**

22 **Abstract.** Considering that gender and sexuality represent categories constructed
23 through countless learning and practices, experienced in multiple social and cultural
24 instances, including school education, this article synthesizes studies on gender relations
25 in early childhood education, aiming to understand the possibility of teaching and the
26 development of children's social practices in the activity of playing. Our objective is to
27 analyze and affirm the need and importance of working on the different gender relations
28 from the early school years, making the child develop and appropriate knowledge and
29 practices that expand their ability to live with others and respect the differences, in an
30 inclusive and pluralistic perspective. Thus, investigating the possible ways of working
31 with gender relations in Early Childhood Education and what effects it would have on
32 students' learning and knowledge are the main objectives of this research.

33 **Key words:** Gender relations; early childhood education; games.

34

* Condições para submissão. Revista Acta Scientiarum. A revista é publicada on-line pela Universidade Estadual de Maringá, na modalidade publicação contínua. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/about/submissions#onlineSubmissions>. Acesso em: 10 abr. 2022.

35

1 Introdução

36 Este trabalho foi realizado com intuito de analisar as possibilidades para o
37 ensino de relações de gênero nas brincadeiras na educação infantil, investigando como
38 podem favorecer o desenvolvimento das crianças através de ações práticas, que
39 envolvem jogos e brincadeiras em situações lúdicas que propiciam a aprendizagem do
40 respeito, do cuidado e da empatia.

41 A presente pesquisa ocorreu a partir de uma investigação bibliográfica, com o
42 propósito de compreender como o gênero e brincadeiras infantis têm sido apresentados
43 nas elaborações educacionais. As informações obtidas foram selecionadas e
44 sistematizadas no decorrer do estudo para a elaboração do presente artigo científico.

45 Compreender a importância de trabalhar as relações de gênero desde os
46 primeiros anos, quando a criança começa a desenvolver o conhecimento é uma das
47 indagações que movem nossos esforços na presente pesquisa. Segundo Chaves (2020,
48 p. 229):

49 [...] a função da educação acentua-se como elemento capaz de promover a
50 emancipação e a humanização da coletividade por meio da apropriação do
51 conhecimento sistematizado e das riquezas humanas em diferentes áreas do
52 conhecimento porque, conforme Leontiev (1978, p. 301), “quanto mais
53 progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por
54 ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua
55 tarefa”.

56 Nesta perspectiva, podemos inserir as brincadeiras como meio de construção de
57 conhecimento sobre as relações de gênero na Educação Infantil, fazendo com que as
58 crianças tenham liberdade para expressarem suas escolhas para participarem de
59 qualquer brincadeira, tirando o rótulo de “boneca é de menina” e “bola é de menino”,
60 considerando que na sociedade contemporânea, é possível para o ser humano
61 desempenhar diferentes papéis ou atividades laborais, inclusive alguns que no passado,
62 de fato, lhes eram negados por serem mulheres, ou por serem homens.

63 Para Pereira e Oliveira (2006, p. 273):

64 Uma das possibilidades das brincadeiras na educação infantil é dar
65 visibilidade às relações de gênero que são construídas histórica e
66 culturalmente nos mais variados espaços sociais. Nas instituições de
67 Educação Infantil, meninos e meninas têm o direito de acesso aos mesmos
68 espaços, mas nem sempre às mesmas oportunidades de manifestarem de
69 forma livre suas intenções, desejos e brincadeiras sem que isso cause
70 estranhezas e demarcações de limites, principalmente no tocante ao gênero.

71 A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, essencial para o
72 desenvolvimento do ser humano, pois é nesta fase de estudos que a criança desenvolve e
73 aprende conhecimentos basilares para toda a sua vida adulta, como aprender a respeitar
74 o outro e a conviver com as diferenças. Acreditamos que essa aprendizagem faz parte
75 do conteúdo que pode ser vivenciado e assimilado através das brincadeiras, impactando
76 na sua compreensão das relações de gênero que permearão toda a sua vida social,
77 familiar e profissional. Contribuir com esse debate foi o que nos motivou a desenvolver
78 essa pesquisa.

79 Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, no qual iremos utilizar outras
80 análises que nos tragam elementos que evidenciem a importância de trabalhar as
81 relações de gênero na Educação Infantil. Segundo Gil (2008), uma pesquisa
82 bibliográfica possibilita ter acesso a pesquisas e a fatos já investigados para analisar
83 seus determinantes históricos.

84 Essa busca nos permitirá acesso a textos científicos que fortalecerão nossos
85 argumentos, que serão analisados através da perspectiva do materialismo histórico-
86 dialético. Para compreender a questão, partimos da concepção de Marx (2017) e Marx e
87 Engels (1978, 2007), de que a estrutura econômica (ou infraestrutura) representam a
88 base da superestrutura jurídica e política. Nesse sentido, determinadas formas de
89 consciência social e ideológica são resultado das condições objetivas da vida, da forma
90 como se produz a vida, das trocas, que determinam a base de toda a ordem social e das
91 relações que se dão entre as pessoas nos diferentes espaços de convivência e de trocas.

92 Na pesquisa bibliográfica, é importante que as biografias analisadas contribuam
93 com a pesquisa, fornecendo dados e informações pertinentes, fazendo com que o
94 conteúdo sobre a temática seja amplo e enriquecedor. Desse modo, nosso objetivo
95 principal pretende analisar e comprovar a importância de se trabalhar relações de gênero
96 desde a Educação Infantil, fazendo com que a criança desenvolva e aproprie o
97 conhecimento sobre a temática desde os primeiros anos escolares.

98 Ao investigar as possíveis formas de trabalhar as relações de gênero na
99 Educação Infantil e quais efeitos teria na aprendizagem e no conhecimento dos
100 estudantes, a pesquisa irá contribuir com docentes e pesquisadores com reflexões sobre
101 a temática, fundamentando sua prática profissional junto às crianças.

102

103 **2 Gênero: compreendendo o conceito**

104 Para pensarmos sobre o ensino de relações de gênero nas brincadeiras na
105 educação infantil como uma possibilidade, faz-se necessário compreendermos o
106 conceito de gênero na sociedade.

107 A princípio, podemos considerar que gênero é um conceito utilizado na
108 diferenciação entre homens e mulheres, isto é, gênero masculino e gênero feminino.
109 Para Scott (1995), o gênero é um elemento construído de relações sociais, baseada na
110 diferenciação entre os sexos, sendo primeiro modo de dar significado às relações que
111 envolvem poder. Desse modo, gênero pode ser entendido como diferenciação sexual. As
112 relações e a definição de gênero estão presentes em todas as áreas, portanto, ao pensar
113 sobre a questão na educação infantil, analisa-se a possibilidade de vivenciar e ensinar
114 sobre o tema através de brincadeiras.

115 Em diversos momentos nos deparamos com afirmações como: “isso é de
116 menina” e “isso é de menino”. Essa retórica, que se utiliza da arte de usar uma
117 linguagem para comunicar de forma eficaz e persuasiva pré-conceitos que foram
118 socialmente construídos na organização da produção, acaba se fazendo presente na vida
119 das pessoas, seja no meio familiar, nas instituições sociais, religiosas, profissionais e no
120 âmbito educacional.

121 Sobre a identificação e diferenciação de gênero, podemos afirmar que:

122 O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a
123 relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual
124 cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por
125 ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso
126 comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica,
127 ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a
128 desigualdade social (LOURO, 1997, p. 6).

129 Os trabalhos realizados com a temática gênero alcançaram aumento significativo
130 nos últimos anos. Para exemplificar, em uma busca rápida pelo site Google Acadêmico,
131 foi possível identificar que nos últimos dez anos foram publicados mais de 15.000
132 artigos que possuem relação entre o tema gênero, brincadeiras e educação infantil. Esses
133 dados demonstram a extrema relevância do tema, assim como a preocupação das
134 instituições escolares da forma como o mesmo tem sido trabalhado no âmbito
135 educacional.

136 Segundo Finco (2016, p. 92) “as pesquisas sobre gênero e educação mostram
137 que as instituições escolares, através de regimentos, organização dos espaços e da

138 distribuição do tempo, constituem importantes espaços para a formação de crianças e
139 jovens”.

140 Se pensarmos que o conceito de gênero nomina e denomina tudo que é social,
141 cultural e histórico, podemos entender que a existência do indivíduo se dá a partir de
142 relações sociais, desde que se nasce. Assim, quando nos referimos ao outro, numa
143 atitude construída historicamente, já agimos de acordo com o gênero associado ao sexo
144 da pessoa com a qual interagimos, e o que se aplica também ao que contexto escolar
145 desde os primeiros anos escolares.

146 Sobre essa questão, Welter e Grossi (2018) afirmam que a escola é um espaço
147 permeado por conflitos e contradições, muitas delas nascidas da convivência entre
148 diferentes, nem sempre de forma tranquila ou harmônica:

149 De forma resumida, é possível afirmar que a escola está permeada de
150 conflitos e contradições. Ao mesmo tempo em que transmite e constrói
151 conhecimento, reproduz padrões sociais dominantes, promove o encontro e
152 produz diferenças, distinções e desigualdades nos e entre sujeitos sociais,
153 especialmente estudantes, mas também entre profissionais da educação. Ela
154 se apresenta também como espaço para experiências e relações assimétricas,
155 estímulo para valores hegemônicos, repressões e opressões sobre padrões não
156 hegemônicos, exercícios de poder, conflitos e violências, as quais nem
157 sempre são penalizadas. As violências vivenciadas no ambiente escolar
158 impõem aos estudantes graves consequências pessoais, como danos físicos,
159 traumas, sentimentos de medo e insegurança, além de sentimento de
160 insatisfação (WELTER; GROSSI, 2018, p. 132).

161 Ao pensarmos nas relações de gênero podemos analisar que as identidades, ou
162 seja, a definição de sexo masculino e sexo feminino estão sempre em construção e
163 transformação. A partir das práticas e das relações sociais, das representações, os
164 sujeitos vão construindo a identidade na sociedade. Assim como afirma Louro (1997,
165 p. 8):

166 Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e
167 dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades
168 plurais, múltiplas; identidades que se transformam que não são fixas ou
169 permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de
170 pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero,
171 etc. – constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse
172 empurrado em diferentes direções.

173 Nesse sentido, através do brincar se pode exercitar de forma lúdica e prazerosa
174 situações que fortaleçam a identidade das crianças sem reforçar estereótipos e
175 preconceitos, mas como uma forma de quebrar paradigmas existentes e favorecer a
176 convivência social, com intervenções planejadas, intencionais e efetivas pautadas por

177 práticas realistas, considerando inclusive os novos comportamentos sociais e arranjos
178 familiares, modificados historicamente.

179 Assim sendo, compreender o conceito de gênero é essencial para nos dar
180 elementos para analisar a próxima parte do trabalho, na qual discutiremos as relações de
181 gênero na Educação Infantil.

182 **3 As relações de gênero na Educação Infantil**

183 Após definirmos o conceito de gênero na sociedade brasileira contemporânea
184 nos amparamos em diferentes pesquisas para compreendermos como se dão as relações
185 de gênero na Educação Infantil.

186 A educação infantil corresponde à etapa inicial da educação básica, segundo a
187 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, em seu art.
188 29º:

189 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade
190 o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos
191 físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e
192 da comunidade (BRASIL, 1996).

193 Desse modo, podemos analisar que é na educação infantil que se inicia o
194 processo de desenvolvimento da criança. Através das primeiras trocas de experiências
195 compartilham o primeiro contato com as relações de gênero em um contexto diferente
196 do familiar, hospitalar, entre outros em que já recebia alguns tratamentos diferenciados
197 em sua vida, desde o nascimento, em decorrência de ser designado menino ou menina.
198 Embora não seja objetivo de nosso trabalho questionar essa diferenciação, à guisa de
199 informação, é necessário compreender para poder identificar quando, no espaço escolar,
200 se reproduza esse comportamento.

201 De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, em seu Art. 22, considera que “[...]”
202 a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a
203 formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para
204 progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996). Nesse sentido, formar
205 para as diferenças, para o direito à diferença, é também um dos pressupostos para a
206 vivência plena da cidadania.

207 Na cultura escolar, a diferenciação de gênero acontece desde os anos iniciais,
208 como por exemplo, quando a bola e o carrinho são entregues ao menino e a boneca é
209 entregue a menina, delimitando e direcionando as práticas para ambos. Essas práticas
210 colaboram para que, com o decorrer do tempo as crianças desenvolvam além de

211 habilidades diferentes, oportunidades e interesses também. “As crianças aprendem o
212 sexismo na escola ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis
213 feminino e masculino estão determinados” (ALAMBERT, 1994 *apud* VALENZUELA;
214 GALLARDO, 1999, p. 45).

215 As distinções entre os meninos e as meninas perpassam pelas vestimentas, pelos
216 sapatos, pelo modo de se comportar, se comunicar, se expor, pelos brinquedos e pelas
217 brincadeiras. Essa diferenciação faz com que os meninos e as meninas vivenciem
218 experiências distintas, além de habilidades, fazendo com que eles desenvolvam certo
219 limite corporal.

220 Dessa forma, nas relações é possível perceber quando se naturaliza frases como
221 “meninos não choram”, “meninas não podem se sentar assim”, “isso não é coisa de
222 menino(a)”, entre outros. Ignorar a importância de fugir de estereótipos é favorecer uma
223 formação cidadã. Finco (2016, p. 96) destaca que:

224 Na medida em que meninas e meninos transgridem o que é pré-determinado
225 para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode
226 apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações:
227 o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-
228 sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação de
229 crianças pequenas tenha consciência deste potencial, para, desse modo,
230 repensar sua prática educativa.

231 Dessa forma, compreendemos que os profissionais que trabalham na educação
232 possuem um papel de suma importância para que esse processo ocorra de forma
233 espontânea e não como uma obrigação com regras e cobranças como reprodução do que
234 está posto na sociedade como comportamentos corretos ou socialmente dentro de
235 padrões pré-estabelecidos. Assim, os jogos e as brincadeiras são ferramentas que em
236 conjunto com a prática docente, auxiliam no desenvolvimento contínuo da criança,
237 promovendo o aumento das potencialidades infantis. Como afirma Ferreira (2021,
238 p. 20):

239 Assim, as crianças não aprendem apenas conhecimentos escolares, mas
240 aprendem a se relacionar, conviver, construir regras, dialogar, interagir com
241 colegas e adultos, se alimentar, compartilhar brinquedos e objetos e outras
242 aprendizagens que serão importantes para a vida em sociedade. Quando a
243 Educação Infantil valoriza o brincar e o lúdico, dá oportunidade de todas as
244 crianças brincarem e ser criança de verdade, mesmo para as pessoas que
245 vivem diferentes contextos sociais e econômicos.

246 Com isso, falar sobre as relações de gênero na educação infantil nos permite ter
247 outra visão sobre as práticas escolares, fazendo-nos refletir sobre as ações que nos

248 permeiam, motivando na construção de novos significados e formas de trabalhar
249 determinada temática no espaço escolar.

250 **4 Brincadeiras Infantis, papéis diferentes entre meninas e meninos**

251 Após versarmos sobre como estão intrinsecamente presentes as relações de
252 gênero na escola, desde a Educação Infantil, nesta seção discutiremos as possibilidades
253 de trabalhar esse conteúdo na rotina escolar na primeira etapa da Educação Básica
254 através das brincadeiras, como forma de contribuir favoravelmente para o
255 desenvolvimento da criança.

256 É através das brincadeiras que as crianças iniciam o processo de
257 desenvolvimento e adquirem os primeiros conhecimentos. A troca de papéis por meio
258 de jogos e brincadeiras auxilia no ensino das relações de gênero nos anos iniciais.

259 Segundo Finco (2016, p. 96): “É importante ressaltar que os brinquedos são
260 compreendidos como elementos culturais, portadores de significados e de um enredo
261 social e as crianças estão todo momento recriando novos significados”. Assim, as
262 relações de gênero podem ser trabalhadas de forma descontraída por meio das trocas de
263 papéis nas brincadeiras ou mesmo, pelas equipes formadas por meninos e meninas para
264 desenvolver um jogo.

265 Para Belotti (1975), as relações de gênero são manifestadas através dos
266 brinquedos. A autora afirma que existem brinquedos não estruturados que são tanto para
267 as meninas quanto para os meninos, como jogos de quebra-cabeça e peças de encaixar,
268 contudo, quando o brinquedo é estruturado a diferenciação de gênero é visível:

269 Para as meninas existe uma vastíssima gama de objetos
270 miniaturizados que imitam os utensílios caseiros, como serviços de
271 cozinha e toilette, bolsas de enfermeira com termômetro, faixas,
272 esparadrapo e seringas, dependências como banheiros, cozinhas
273 completas com eletrodomésticos, salas, quartos, quatinhos para
274 bebês, jogos para coser e bordar, ferros de passar, serviços de chá,
275 eletrodomésticos, carrinhos, banheirinhas e uma série infinita de
276 bonecas com o respectivo enxoval. Para os garotinhos em geral os
277 brinquedos divergem completamente: meios de transporte terrestre,
278 navais e aéreos de todas as dimensões e de todos os tipos: navios de
279 guerra, porta-aviões, mísseis nucleares, naves espaciais, arma de todo
280 o tipo, desde a pistola de Cow-boy perfeitamente imitada até alguns
281 sinistros fuzis metralhadores que diferem dos verdadeiros apenas pela
282 menor periculosidade, espadas, cimitarras, arcos e flechas, canhões:
283 um verdadeiro arsenal militar (BELOTTI, 1975, p. 75-76).

284 Ao analisarmos essa afirmação, podemos considerar que existem alguns
285 brinquedos que são denominados de meninas e outros para meninas. Porém, se

286 pensarmos em uma criança no momento em que elas estão brincando, a mesma
287 desempenha diferentes papéis dentro da brincadeira da maneira que ela deseja, sem a
288 diferenciação de gêneros.

289 Referente à prática docente sobre as relações gêneros na hora do brincar, Finco
290 (2016, p. 98) argumenta que:

291 A forma como [...] organiza sua prática, deixando disponível e dando acesso
292 a uma diversidade de brinquedos para as crianças experimentarem e
293 conhecerem diferentes papéis, sem determinar posições e comportamentos
294 para meninos e meninas, favorece que não sejam determinados papéis
295 específicos em função de seu sexo.

296 Portanto, a prática docente junto aos alunos pode tanto favorecer para o não
297 sexismo, deixando a criança livre para brincar da maneira que lhe dá prazer, como pode
298 também, dificultar esse processo se a prática não for pensada nas relações de gênero,
299 fazendo com que os alunos se dividam em grupos distintos para realizar de as
300 brincadeiras definidas como de meninas e outras de meninos. Como evidencia os
301 autores:

302 Por isso, o brincar, seja de forma livre ou dirigida deve estar presente no
303 ambiente escolar, pois a criança deve ter oportunidade de brincar em
304 qualquer lugar. Então no âmbito educacional, cabe ao professor reservar
305 períodos no qual os alunos possam realizar atividades lúdicas de forma
306 dirigida e em outros momentos proporcionar as crianças momentos de
307 brincadeiras de conduta livre, para que ela possa expressar sua vontade e
308 assim realizar as atividades pela sua motivação interna, pelo prazer que lhe
309 proporciona (REAL; SANTOS; WEBER, 2017, p. 88).

310 O brincar na infância é uma atividade que favorece e auxilia a aprendizagem e o
311 desenvolvimento infantil. A partir das brincadeiras as crianças desenvolvem a
312 imaginação, criam contextos, visões de mundo, que são essências para a formação e o
313 desenvolvimento. Assim como afirma os autores Martins Filho e Delgado: “no
314 desenvolvimento, aprendizagem e socialização, a brincadeira ganha papel fundamental,
315 conteúdo por excelência no processo de formação humana das crianças” (MARTINS
316 FILHO; DELGADO, 2016, p. 110).

317 Em relação à importância que o brincar tem sobre o processo de ensino e
318 aprendizagem da criança, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,
319 instituída em 2009, é um documento que possui orientações a essa etapa escolar, ele
320 determina que a criança deva ser vista como:

321 Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas
322 cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca,
323 imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e

324 constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura
325 (BRASIL, 2010, p. 13).

326 Podemos considerar então, que o brincar é essencial e indispensável e, em
327 conjunto com uma prática docente planejada, intencional e consciente das relações de
328 gênero que se fazem intrinsecamente presentes nas relações sociais é uma ferramenta
329 que possibilita e auxilia o conhecimento da criança desde a educação infantil.

330 **5 Considerações Finais**

331 Compreendemos o espaço escolar como um espaço permeado por contradições,
332 diferenças, opressões. Se tais questões referentes a gênero forem trabalhadas de forma
333 consciente, onde o professor se mostre preparado para lidar com as diferenças de forma
334 afirmativa, possibilitando um desenvolvimento pleno da criança.

335 Compreendemos o espaço escolar como um espaço permeado por contradições,
336 diferenças, entre as quais se situam as relações de gênero. Sendo a Educação Infantil a
337 primeira etapa da Educação Básica, é necessário que tenha a possibilidade de aprender a
338 respeitar o outro e a conviver com as diferenças desde os anos iniciais de escolaridade.

339 Nossa pesquisa nos reafirma a necessidade de considerarmos que a compreensão
340 das relações de gênero que permearão toda a sua vida social, familiar e profissional
341 deve fazer parte do rol de conteúdo a ser trabalhados, e as situações de brincadeiras
342 pode ser o ambiente ideal para essa aprendizagem. Nesse sentido, cabe ao docente uma
343 participação efetiva no sentido de favorecer para que esse processo ocorra de forma
344 espontânea, divertida, e não como uma obrigação com regras e cobranças.

345 Os jogos e as brincadeiras são ferramentas que em conjunto com a prática
346 docente, auxiliam no desenvolvimento contínuo da criança, promovendo o aumento das
347 potencialidades infantis. O brincar na infância favorece e auxilia a aprendizagem e o
348 desenvolvimento da criança, pois desenvolve a imaginação, a criação e permite
349 compreender melhor o mundo que a cerca, essencial a formação e o desenvolvimento
350 humano.

351 Nesse sentido, reafirmamos que o brincar é essencial e indispensável e, em
352 conjunto com uma prática docente planejada, intencional e consciente, as práticas que
353 rompem com estereótipos limitantes afetos às relações de gênero, que estão presentes
354 nas relações sociais podem ser trabalhados de forma afirmativa, favorecendo o
355 desenvolvimento do potencial dos estudantes e suas aptidões, independentemente de se
356 tratar de menino ou menina, mas como ser humano, desde a educação infantil.

357 Efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que é possível trabalhar a questão
 358 de gênero através de brincadeiras na educação infantil, pois através da pesquisa
 359 empreendida compreendemos que favorecem o desenvolvimento humano da criança.

360 Referências

- 361 BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1975.
 362
- 363 BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da
 364 educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 1996.
 365 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 5
 366 abr. 2022.
 367
- 368 BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF:
 369 Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2010.
 370
- 371 CHAVES, Marta. Formação contínua de professores e a teoria histórico-cultural na
 372 educação infantil. **Fractal/Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. spe, p. 227-232, jun.
 373 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-0292202000060022](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922020000600227&script=sci_arttext)
 374 [7&script=sci_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922020000600227&script=sci_arttext). Acesso em: 18 out. 2021.
 375
- 376 FERREIRA, Cláudia Celaira Moreira. **O brincar e as legislações do campo da**
 377 **educação infantil**. 2021. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
 378 Pedagogia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Alegrete, 2021. Disponível
 379 em: [https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1156/16_tcc-](https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1156/16_tcc-claudia_ferreira.pdf?sequence=-1&isAllowed=y)
 380 [_claudia_ferreira.pdf?sequence=-1&isAllowed=y](https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1156/16_tcc-claudia_ferreira.pdf?sequence=-1&isAllowed=y) Acesso em: 3 abr. 2022.
 381
- 382 FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na
 383 educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 89-101, set./dez. 2016.
 384 Disponível em: [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863)
 385 [8643863](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863). Acesso em: 25 mar. 2022.
 386
- 387 GALLARDO, Gómez; VALENZUELA, Malu. Uma alternativa de equidade de gênero
 388 na pré-escola. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam; AUAD, Daniela; CARVALHO,
 389 Marília *et al.* (org.). **Gênero e Educação**. São Paulo: SOF, 1999. p. 40-54 (Cadernos
 390 Sempreviva).
 391
- 392 GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
 393
- 394 LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
 395
- 396 MARTINS FILHO, Altino José; DELGADO, Ana Cristina Coll. A participação dos
 397 bebês e das crianças bem pequenas e a prática da docência no contexto da educação
 398 infantil. **Saber & Educar**, Porto, Portugal, n. 21, p. 108-117, 2016. Disponível em:
 399 <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/232>. Acesso em: 6 mar. 2022.
 400
- 401 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Crítica da educação e do ensino**. São Paulo:
 402 Moraes, 1978.
 403

- 404 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
405
- 406 MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção
407 do capital [1867]. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.
408
- 409 PEREIRA, Angelica Silvana; OLIVEIRA, Ericka Marcelle Barbosa de. Brincadeiras de
410 meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz
411 do Sul, v. 24, n. 1, p. 273-288, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7061/0>. Acesso em: 18 out. 2021.
412
413
- 414 REAL, Helton Roberto; SANTOS, Daniela Francesca Malta dos; WEBER, Miriam
415 Margarete. O brincar livre: reflexões para o professor de pré-escola. *In*: CONGRESSO
416 NACIONAL DE EDUCAÇÃO FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONTEXTOS,
417 SENTIDOS E PRÁTICAS, 13., 2017. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUC, 2017.
418 p. 12278-12289.
419
- 420 SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação &**
421 **Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p.71-99, 1995.
422
- 423 WELTER, Tânia; GROSSI, Miriam Pillar. É possível ensinar gênero na escola? Análise
424 de experiências de formação em gênero, sexualidade e diversidades em Santa Catarina.
425 **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 123-145, jan./abr. 2018.

Condições para submissão. Revista Acta Scientiarum. A revista é publicada on-line pela Universidade Estadual de Maringá, na modalidade publicação contínua. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/about/submissions#onlineSubmissions>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Página inicial da UEM EDUEM Notícias Complexo de Saúde Biblioteca Transparência

 Portal de periódicos  Universidade Estadual de Maringá

Cadastro Acesso

 **Acta Scientiarum**
Language and Culture e-ISSN - 1983-4983

Atual Arquivos Notícias Sobre ▾ Indexadores Mídias Sociais Q Buscar

Início / Submissões

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. [Acesso](#) em uma conta existente ou [Registrar](#) uma nova conta.

Mídias Sociais  

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

✓	A contribuição é original e inédita e não está sendo avaliada por outra revista.
✓	Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, Open Office ou RTF (desde que não ultrapasse 2MB).
✓	Todos os endereços de páginas da Internet , incluídas no texto (Ex: http://www.eduem.uem.br) estão ativos e prontos para clicar.
✓	O texto está em espaço 1,5; usa uma fonte de 12-pontos Times New Roman; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento, como anexos. No máximo 20 páginas.
✓	O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos em Diretrizes para Autores , na seção Sobre a Revista.
✓	A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção propriedades do Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação por Pares Cega .
✓	Para assegurar a Avaliação Cega por Pares, não deverá ser citado no artigo o "GRUPO DE PESQUISA".
✓	No processo de submissão, deverão ser inseridos os nomes completos dos autores, número identificador do ORCID, seus endereços institucionais e o e-mail do autor indicado para correspondência.

Diretrizes para Autores

POLÍTICA DE ACESSO ABERTO

Acta Scientiarum. Language and Culture é publicada sob o modelo Acesso Aberto e permite a qualquer um a leitura e download, bem como a cópia e disseminação de seu conteúdo de acordo com as políticas de copyright Creative Commons Attribution 3.0.

APCs (TAXA DE PROCESSAMENTO DE ARTIGO) E TAXA DE SUBMISSÃO

Acta Scientiarum. Language and Culture não cobra aos autores qualquer tipo de taxa de submissão ou publicação.

POLÍTICA CONTRA PLÁGIO E MÁIS-CONDUTAS EM PESQUISA

Continuando nossa tradição de excelência, informamos as melhorias editoriais que visam fortalecer a integridade dos artigos publicados por esta revista. Em conformidade com as diretrizes do COPE (*Committee on Publication Ethics*), que visam incentivar a identificação de plágio, más práticas, fraudes, possíveis violações de ética e abertura de processos, indicamos:

1. Os autores devem visitar o website do COPE <http://publicationethics.org>, que contém informações para autores e editores sobre a ética em pesquisa;

2. Antes da submissão, os autores devem seguir os seguintes critérios:

- Considerando a necessidade de aprimoramento constante da qualidade editorial de nossa revista em função de órgãos avaliadores, os autores deverão atentar para eventuais **alterações nas normas de submissão** de artigos, que estarão doravante negritadas e com as datas a partir das quais deverão ser seguidas.
- Com o objetivo de evitar a **endogenia** e garantir a diversidade dos autores publicados, exigimos que, após a publicação na revista, os autores aguardem, no mínimo, 2 anos até publicarem qualquer outro artigo no periódico.
- artigos que contenham aquisição de dados ou análise e interpretação de dados de outras publicações devem referenciá-las de maneira explícita;
- na redação de artigos que contenham uma revisão crítica do conteúdo intelectual de outros autores, estes deverão ser devidamente citados;
- todos os autores devem atender os critérios de autoria inédita do artigo e nenhum dos pesquisadores envolvidos na pesquisa poderá ser omitido da lista de autores;
- a aprovação final do artigo será feita pelos editores e conselho editorial.

3. Para responder aos critérios, serão realizados os seguintes procedimentos:

- a) Os editores avaliarão os manuscritos com o sistema **CrossCheck** logo após a submissão. Primeiramente será avaliado o conteúdo textual dos artigos científicos, procurando identificar plágio, submissões duplicadas, manuscritos já publicados e possíveis fraudes em pesquisa;
- b) Com os resultados, cabe aos editores e conselho editorial decidir se o manuscrito será enviado para revisão por pares que também realizarão avaliações;
- c) Após o aceite e antes da publicação, os artigos poderão ser avaliados novamente.

INSTRUÇÕES PARA SUBMISSÃO DE ARTIGOS:

1. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, ISSN 1983-4683 (*on-line*), é publicada pela Universidade Estadual de Maringá, na modalidade publicação contínua.
2. O periódico aceita a publicação de temas gerais e específicos relacionados à área de Letras e Linguística nas categorias: **a)** artigo (relatos de pesquisa, revisão de literatura, estudo teórico, relato de experiência profissional e debate) e **b)** resenha de livros recém-publicados. Como publicação de referência na área, a revista exige o grau mínimo de doutor para autores interessados na submissão de artigos. No caso de autoria coletiva, pelo menos um dos autores deve possuir tal titulação.
3. Os autores se obrigam a declarar a cessão de direitos autorais e que seu manuscrito é um trabalho original, e que não está sendo submetido, em parte ou no seu todo, à análise para publicação em outro meio de divulgação científica sob pena de exclusão. Esta declaração encontra-se disponível no endereço: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/about/submissions>.
4. Os dados, ideias, opiniões e conceitos emitidos nos artigos, bem como a exatidão das referências, são de inteira responsabilidade do(s) autor(es). Os relatos deverão basear-se nas técnicas mais avançadas e apropriadas à pesquisa. Quando apropriado, deverá ser atestado que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Biossegurança da instituição
5. As submissões poderão ser feitas nos idiomas inglês, português, espanhol, francês e italiano. Para submissões a partir de **16 de janeiro de 2018**, os autores deverão realizar ou providenciar uma acurada revisão gramatical do artigo no idioma, a qual deverá ser atestada por meio do envio de uma declaração digitalizada (como documento suplementar), de acordo com [este modelo](#).
6. Para dar maior visibilidade internacional a alguns dos artigos aprovados em Língua Portuguesa, os editores poderão solicitar aos autores que seja providenciada a tradução para o inglês da versão final do texto.
7. Os artigos serão avaliados por consultores da área de conhecimento da pesquisa, de instituições de ensino e/ou pesquisa nacionais e estrangeiras. Após as devidas correções e possíveis sugestões, o artigo será aceito para publicação mediante dois pareceres favoráveis, e rejeitado quando dois pareceres forem desfavoráveis. No caso de pareceres discordantes, o artigo será enviado a um terceiro parecerista. A decisão sobre a publicação ou não do artigo será do Conselho Editorial.
8. O Conselho Editorial reserva-se o direito de evitar a publicação de trabalhos de um mesmo autor em intervalos menores que duas edições. Os autores não poderão submeter nova proposta enquanto tiverem um artigo em processo de avaliação.
9. Os artigos deverão ser submetidos pela internet, acessando o **Portal ACTA**, no endereço <http://www.periodicos.uem.br/ojs/>
10. Estão listadas abaixo a formatação e outras convenções:

- a)** Os artigos deverão ser subdivididos com os seguintes subtítulos: Resumo, Palavras-chave, *Abstract*, *Keywords*, Introdução, Conclusão/Considerações finais e Referências; esses itens não deverão ser numerados. Os demais itens serão apresentados em função da especificidade do texto proposto em 2.
- b)** O título, com no máximo vinte palavras, em português e inglês, deverá ser preciso. Deverá ser fornecido, também, um título resumido com, no máximo, seis palavras que não estejam citadas no título.
- c)** No processo de submissão, deverão ser inseridos número identificador (ID) do ORCID, endereço(s) institucional(is), e o e-mail do(s) autor/es indicado(s) para correspondência. **Aceitam-se até quatro autores no artigo.**
- d)** O resumo e o *abstract* (200 a 300 palavras) deverá conter informações sucintas sobre o tema e o objetivo da pesquisa, a abordagem teórica, os métodos empregados, os resultados e a conclusão. Até seis Palavra-chave (recomenda-se não utilizar as palavras do título) deverão ser acrescentadas ao final do resumo e *abstract*. Não serão aceitos *abstracts* produzidos por versão eletrônica, como, por exemplo, o tradutor de computador.
- e)** Os artigos deverão ter de 12 a 20 páginas digitadas, incluindo figuras, tabelas e referências. Deverão ser escritos em espaço 1,5 linhas e ter suas páginas e linhas numeradas. O trabalho deverá ser editado no *Word*, ou compatível, utilizando fonte *Times New Roman*, tamanho 12, formatado em A4, as margens superior e inferior deverão ser de 2,5 e as margens esquerda e direita deverão ser de 3 cm.
- f)** Tabelas, figuras e gráficos deverão ser inseridos no texto, logo após a sua citação. Ilustrações em cores serão aceitas para publicação. As figuras e tabelas não deverão ultrapassar 17 cm de largura. As figuras digitalizadas deverão ter 300 dpi de resolução e preferencialmente gravados no formato jpg ou png. Juntamente com o artigo, deverá ser encaminhada por escrito a permissão de uso da ilustração.
- g)** Anexos e notas de rodapé devem ser evitados.
- h)** O arquivo contendo o trabalho que deverá ser anexado (transferido), durante a submissão, não poderá ultrapassar o tamanho de 2 MB, nem poderá conter qualquer tipo de identificação de autoria, inclusive na opção propriedades do *Word*.
- i)** Artigos científicos redigidos em língua inglesa terão prioridade na pauta de publicação da revista, desde que respeitado o limite de 20% em cada fascículo.
- j)** As citações deverão seguir os exemplos abaixo, que se baseiam na norma da *American Psychological Association* (APA). **Para citação no texto**, usar o sobrenome e ano: Baltar (2006) ou (Baltar, 2001); **para dois autores**: Angelo e Menegassi (2008) ou (Angelo & Menegassi, 2008); **para três a cinco autores** (1.ª citação): Gomes, Cárdenas, Alves, e Lopes (2008) ou (Gomes, Cárdenas, Alves, & Lopes, 2008) e, nas citações subsequentes, Gomes et al. (2008) ou (Gomes et al., 2008); **para seis ou mais autores**, citar apenas o primeiro seguido de et al.: Swami et al. (2008) ou (Swami et al., 2008).
- k)** Para citações em língua estrangeira, em artigos em português, deverão obedecer o seguinte procedimento: no corpus do texto, a citação deverá ser em português com indicação da autoria da tradução e o original em nota de rodapé.

AUTOCITAÇÕES

A revista aceita um índice máximo de 5% de autocitações.

MODELOS DE REFERÊNCIAS

Deverão ser organizadas em ordem alfabética, alinhamento justificado, conforme os exemplos seguintes, que se baseiam na norma da *American Psychological Association* (APA). Os títulos dos periódicos deverão ser completos e não abreviados, sem o local de publicação. As referências deverão conter o DOI.

ARTIGOS

Um autor

Schneider, L. (2015). Abjection and violence in *Monoceros*, by Suzette Mayr. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 37(1), 1-7. doi: 10.4025/actascilangcult.v37i1.24579

Dois a sete autores (devem-se indicar todos os autores separados por vírgula, exceto o último que deve ser separado por vírgula seguido de &)

Angelo, C., & Menegassi, R. (2008). Desempenhos em leitura nas séries finais de ciclo. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 30(2), 129-137. DOI: 10.4025/actascilangcult.v30i2.698

Gomes, L., Cárdenas, C., Alves, V., & Lopes, C. (2008). Reflexões sobre a imagem da velhice mostrada no filme "Elsa e Fred. um amor de paixão". *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 30(1), 25-34. DOI: 10.4025/actascihumansoc.v30i1.365

Oito ou mais autores (devem-se indicar os seis primeiros, inserir reticências e acrescentar o último autor)

Swami, V., Malpass, F., Havard, D., Benford, K., Costescu, A., Sofitiki, A., ... Taylor, D. (2013). Metalheads: the influence of personality and individual differences on preferences for heavy metal. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 7(4), 377-383. DOI: 10.1037/a0034493

LIVROS

Gettleman, M. E., Franklin, J., Young, M., & Franklin, H. B. (1995). *Vietnam and America: a documented history* (2nd ed.). New York, NY: Grove Press.

Wilson-Tagoe, N. (2007). Representing culture and identity: African women writers and national cultures. In C. M. Cole, T. Manuh, & S. F. Miescher (Ed.), *Africa after gender?* (p. 223-238). Bloomington, MN: Indiana University Press.

MONOGRAFIA, DISSERTAÇÃO E TESE

Alves, E. R. F. (2007). *Outremização e revide de colonizado e colonizador em The Narrative of Jacobus Coetzee (1974), de J. M. Coetzee* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Magnabosco, G. G. (2011). *A construção do texto opinativo no hipergênero blog: análise de comentários do blog papo de amiga da Revista Capricho* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Recuperado de <http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?code=vtls000190562>

ANAIS

Fuzza, A. (2006). A escrita no livro didático. In *Anais do 1º Congresso Nacional de Linguagem em Interação* (p. 101-109). Maringá, PR.

JORNAIS

Silva, M. (2005, 6 de março). O espaço da leitura na sala de aula. *Jornal do Povo*, Caderno D, p. 4.

Ministério lança dados sobre Prova Brasil. (2005, 3 de dezembro). *Folha de S. Paulo*, p. 15.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

Ribeiro, G. (2007). *O afro-descendente no livro didático de Língua Portuguesa*. Recuperado de <http://www.escrita.uem.br/story.jsp?id=911>

Prazo médio entre submissão e publicação dos artigos publicados em 2020: **10** meses.

Linguística

Os artigos serão avaliados por consultores da área de conhecimento da pesquisa, de instituições de ensino e/ou pesquisa nacionais e estrangeiras. Após as devidas correções e possíveis sugestões, o artigo será aceito para publicação mediante dois pareceres favoráveis, e rejeitado quando dois pareceres forem desfavoráveis. No caso de pareceres discordantes, o artigo será enviado a um terceiro parecerista. A decisão sobre a publicação ou não do artigo será do Conselho Editorial.

Literatura

Os artigos serão avaliados por consultores da área de conhecimento da pesquisa, de instituições de ensino e/ou pesquisa nacionais e estrangeiras. Após as devidas correções e possíveis sugestões, o artigo será aceito para publicação mediante dois pareceres favoráveis, e rejeitado quando dois pareceres forem desfavoráveis. No caso de pareceres discordantes, o artigo será enviado a um terceiro parecerista. A decisão sobre a publicação ou não do artigo será do Conselho Editorial.

Declaração de Direito Autoral

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE E DIREITOS AUTORAIS

Declaro que o presente artigo é original, não tendo sido submetido à publicação em qualquer outro periódico nacional ou internacional, quer seja em parte ou em sua totalidade.

Os direitos autorais pertencem exclusivamente aos autores. Os direitos de licenciamento utilizados pelo periódico é a licença Creative Commons Attribution 3.0 (CC BY 3.0): são permitidos o compartilhamento (cópia e distribuição do material em qualquer meio ou formato) e adaptação (*remix*, transformação e criação de material a partir do conteúdo assim licenciado para quaisquer fins, inclusive comerciais.

Recomenda-se a leitura [desse link](#) para maiores informações sobre o tema: fornecimento de créditos e referências de forma correta, entre outros detalhes cruciais para uso adequado do material licenciado.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou à terceiros.